

LEVANDO OS ALUNOS AO CAMPO COM MILITARES: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA E PEDAGÓGICA¹

Celso Castro & Sílvia Monnerat
(FGV CPDOC)

Não há consenso a respeito da pertinência de se incluir, em cursos de graduação, a vivência, por parte dos alunos, de experiências de pesquisa de campo etnográfica. Pode-se argumentar, por exemplo, que os cursos de graduação têm em geral mais alunos do que os professores poderiam acompanhar e orientar com atenção; que as disciplinas têm duração muito reduzida em relação ao tempo necessário para se desenvolver uma pesquisa consistente; e que os alunos não têm ainda uma base teórica suficiente para avaliarem de forma mais densa a experiência. Desse modo, ao invés de terem um aprendizado antropológico, acabariam reforçando visões simplistas ou pré-concebidas não apenas sobre o objeto de suas pesquisas, mas também sobre a própria experiência etnográfica (McCURDY, 1997).

Acreditamos, ao contrário, que essa experiência pode ser muito enriquecedora para os alunos, no sentido de experimentarem esse método, tão importante e característico da tradição antropológica. Em nosso caso, ficou claro que o próprio aprendizado de conhecimentos “teóricos”, através da leitura e discussão de textos, foi potencializado pela experiência de campo. Colocamo-nos, assim, na perspectiva de que o ofício do antropólogo – do cientista social, em geral – é um *artesanato intelectual*, no sentido que lhe dá C. Wright Mills (MILLS, 2009). Ou seja, o cientista social não é alguém que testa hipóteses construídas a partir de leis gerais, fórmulas e receitas aplicadas através de métodos controláveis, e sim alguém que segue um *métodos*, no sentido original grego da palavra: uma via, um caminho, uma rota para se chegar a um fim. O trabalho de pesquisa é visto, nesse sentido, como algo que só se aprende praticando, o que ressalta a importância da dimensão existencial na formação do pesquisador.

Este trabalho pretende analisar as experiências de campo que desenvolvemos na graduação entre os anos de 2017 e 2020, com alunos de cinco turmas da Fundação Getúlio

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 6 de novembro de 2020.

Vargas, a maioria da Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC), mas também incluindo alunos de outras escolas da mesma instituição – Administração, Direito, Economia e Relações Internacionais, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo. Fizemos com nossos alunos visitas conjuntas à Academia Militar das Agulhas Negras, onde são formados os oficiais superiores da linha bélica do Exército, ou a unidades do Exército na Amazônia. Essas visitas transcorreram no âmbito de diferentes cursos ministrados conjuntamente por nós dois: três turmas de “Antropologia III (Rituais e Simbolismo)” (2017.2, 2018.2 e 2019.2), uma da disciplina “Sociologia da profissão militar” (2019.2) e outra da disciplina “Ação humanitária: a Operação Acolhida” (2020.1).² A primeira é obrigatória para alunos de Ciências Sociais; as duas outras, eletivas.³

Como resultado das visitas e dos cursos, os alunos produziram relatórios individuais apresentando e analisando suas experiências. Trata-se de material, a nosso ver, com interessantes observações, e cuja análise constitui a base e o objetivo deste texto, à qual se soma a nossa própria experiência, tanto etnográfica quanto pedagógica.

*

A realização de pesquisas de campo com militares no Brasil já não constitui uma novidade no campo da antropologia, desde a pesquisa pioneira de Castro na AMAN em 1987-1988, que resultou em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social (Museu Nacional/ UFRJ, 1989) e no livro *O espírito militar* (CASTRO, 1990). O conjunto de pesquisas desse tipo, contudo, é ainda muito reduzido em quantidade. Quanto à experiência de se levar turmas de alunos de graduação para incursões etnográficas em instituições militares – objeto específico deste texto – trata-se de uma experiência inédita no campo das Ciências Sociais.

Vale ainda observar que, nas duas disciplinas eletivas, misturamos alunos de diferentes cursos da FGV, com formações distintas. Os alunos de Ciências Sociais já estavam muito mais expostos a leituras de antropologia, incluindo a importância da pesquisa de campo e a necessidade de desenvolverem uma perspectiva de “estranhamento” ou “relativização” do que observam em campo, do que alunos de outros cursos. Vários, inclusive, já haviam participado de experiências etnográficas em outras

² No caso da Operação Acolhida, a visita não foi a um estabelecimento militar, embora os militares tenham sido nossos anfitriões. Os alunos, em seus relatórios, fizeram muito mais observações sobre a questão da ajuda humanitária. Mesmo assim, os militares estiveram no centro das atenções.

³ Alguns alunos participaram de mais de um curso.

disciplinas do curso de graduação. Finalmente, a colaboração entre dois antropólogos *em campo*, vivendo a mesma experiência etnográfica, também é algo pouco comum, mas que não será aqui desenvolvido.

A questão do *acesso* ao campo de pesquisa com militares é fundamental (CASTRO & LEIRNER, 2009), porém não será desenvolvido neste texto, já que nosso objetivo é concentrarmo-nos na dimensão pedagógica do aprendizado que a experiência trouxe para os alunos. Algumas informações gerais, contudo, são importantes. Em primeiro lugar, precisamos ter autorização formal e explícita, por parte do Exército, para viabilizar as idas a campo. Dois fatores foram importantes nesse processo: o prestígio institucional da FGV junto ao Exército e o (re)conhecimento da trajetória de pesquisa de Celso Castro em relação à instituição.

Para o Exército, éramos enquadrados, em linhas gerais, como um grupo de “formadores de opinião”. Existem, rotineiramente, várias visitas e atividades programadas pela instituição para esse público. Em relação à Amazônia e à AMAN, em particular, existem há mais de uma década projetos para “formadores de opinião”, voltados para o público universitário, principalmente alunos de Comunicação Social.⁴ No nosso caso, contudo, a diferença é que os militares sabiam que eles seriam nossos “nativos”, ou seja, que nosso objetivo implicava *transformá-los em objeto de pesquisa*. Isso gerou sempre uma grande curiosidade, vários cuidados e expectativas da parte deles. Ao longo do texto mencionaremos algumas situações em que essas condições anteriores à realização das visitas se manifestaram como relevantes para o entendimento da nossa experiência.

Não faremos aqui uma descrição detalhada de cada disciplina. Seleccionamos alguns pontos que consideramos mais relevantes para os nossos objetivos neste texto. Dentre eles, há alguns que são específicos a cada situação. Outros, contudo, são gerais. Destacaremos, a seguir, quatro destes: o pano-de-fundo da conjuntura política brasileira; questões de gênero; a interação em campo com os militares; e as emoções e sentimentos vivenciados pelos alunos.

*

⁴ Uma busca por “formadores de opinião” no site do Exército Brasileiro (<http://www.eb.mil.br>) mostra como resultado dezenas dessas iniciativas (visita em 20/10/2020).

Em 18 de agosto de 2018 levamos uma turma de Antropologia III para assistir a cerimônia de “entrega dos espadins” aos alunos do primeiro ano da AMAN. Nessa cerimônia, que ocorre desde a década de 1930, os alunos recebem uma réplica em miniatura da espada do Duque de Caxias, patrono do Exército, “como símbolo da própria honra militar”.

Vivia-se, nessa altura, em plena campanha eleitoral. O primeiro turno ocorreria no dia 7 de outubro, e o segundo no dia 28. Estávamos, portanto, a 50 dias do primeiro turno e a 71 dias do segundo turno, em uma eleição que seria marcada pela inesperada e surpreendente vitória de Jair Bolsonaro na disputa pela Presidência da República. O candidato, então deputado federal, esteve presente à cerimônia, como em anos anteriores. Ele era um ex-militar formado em 1977 pela AMAN, que deixou o Exército ainda no posto de capitão, mas que sempre, ao longo de seus vários mandatos, valorizou sua origem profissional e os vínculos com questões relacionadas às Forças Armadas.

Todas as visitas posteriores ocorreram já durante o governo Bolsonaro. Essa conjuntura esteve presente de forma clara e bem explícita. Em 2018, na AMAN, uma aluna registrou:

“Avistei o candidato à presidência Jair Bolsonaro rodeado de pessoas, *flashes* e acenos. [...] Sozinha, me aproximei do grupo que o rodeava. Imediatamente notei, do ponto de vista do local em que eu estava, que as pessoas mais entusiasmadas com a presença dele eram civis, especialmente homens. Estes eram os mais extasiados para tirar fotos, abraçar, cumprimentar e trocar alguma palavra com o candidato à presidência. Olhei para trás e percebi que os cadetes estavam afastados e com a ‘cara fechada’, como se estivessem incomodados com o que estava acontecendo. Achei curioso, pois o meu senso comum acreditava que os oficiais e os demais militares fossem os maiores apoiadores da figura em questão, e que seriam, portanto, os mais animados com a sua chegada. Quando me virei, Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, surgiu ao lado do pai e rapidamente foi cercado por mulheres e adolescentes, ávidos por um *selfie* com o deputado estadual.”

Vale observar que Bolsonaro não teve posição de destaque no evento, para além dessas fotos com civis que estavam assistindo a cerimônia. Permaneceu depois no palanque junto a outras “autoridades”. Sua presença não foi anunciada no alto-falante, ao

contrário das autoridades “superiores”, que foram nomeadas.⁵ Ao final, não ficou na AMAN para o almoço oferecido pelo comandante, retornando ao Rio de Janeiro. Notícias e fotos publicadas na mídia no dia seguinte passaram a impressão de que ele havia sido ovacionado e que comparecera na condição de um “convidado especial”, o que não aconteceu nessa ocasião.⁶

Todavia, no ano seguinte, na mesma cerimônia, e agora como presidente da República, Bolsonaro esteve no centro das atenções, tanto do ponto de vista do cerimonial, quanto para a plateia. No momento em que “madrinhas” e “padrinhos” (geralmente, familiares) entraram no pátio da formatura para entregarem o espadim⁷ aos cadetes, muitos aproximaram-se do palanque, emocionados, levantando crianças para serem beijadas pelo presidente e gritando “mito”!

Nossos alunos perceberam, também, como Bolsonaro trazia marcas daquele “mundo militar”. Identificaram, por exemplo, que ele muitas vezes se comporta, adota ritmos de fala e utiliza gírias e expressões razoavelmente padronizadas entre os militares (como, por exemplo, “tá ok?”). Era evidente, para nós, que a maioria dos alunos não votaram em Bolsonaro, e não tinham simpatia, para dizer o mínimo, pelo personagem. Acreditamos que os militares com os quais convivemos também tinham essa impressão a nosso respeito e de nossos alunos. Sempre evitaram falar abertamente de política. No caso das visitas à AMAN, onde Bolsonaro estaria presente, houve o pedido prévio e expresso de que não ocorressem manifestações de cunho político, mesmo que sob a forma de roupas e adereços. Essa recomendação era geral para todos os visitantes, não apenas para nós, e os próprios militares seguiam essa determinação. Em conversas informais, nesse e em outros eventos, contudo, alguns alunos reportaram terem conversado sobre o tema com militares. Em geral, a impressão que tiveram é que não havia unanimidade a respeito do personagem, embora a simpatia por seu governo fosse clara. De qualquer forma,

⁵ Estavam presentes o ministro da Defesa, general Joaquim Silva e Luna – a autoridade protocolarmente mais alta –, o comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Sérgio Etchegoyen, a advogada-geral da União, Greice Mendonça, e o ex-comandante do Exército, general da reserva Enzo Peri, além de alguns parlamentares. Apenas os três primeiros foram nomeados pelo alto-falante da cerimônia, seguindo-se cumprimentos genéricos “às demais autoridades civis e militares presentes”.

⁶ Ver <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/08/18/bolsonaro-participa-de-cerimonia-militar-ao-lado-de-ministros-de-temer.htm> e <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1609158082942575-bolsonaro-vai-a-formatura-de-cadetes-da-aman>, visita em 18/9/2020.

⁷ Réplica em miniatura da espada de Caxias, patrono do Exército, entregue aos cadetes como “o símbolo da própria honra militar.”

mesmo que o tema da política não fosse explícito, permaneceu sempre como pano-de-fundo durante todas as visitas que fizemos.

Cabe destacar que as turmas que fizeram visita à AMAN em julho e agosto de 2019 (e que encontraram com Bolsonaro já na presidência), parecem ter investido, mais que as anteriores, em refletir sobre seus próprios incômodos em relação aos políticos convidados para prestigiar o evento, assim como para analisar a afinidade que a instituição militar teria, no seu entender, com alguns segmentos políticos. Na tentativa de significar as relações entre esses dois campos, militar e político, uma aluna fez uma análise enfatizando algumas simbologias que, a seu ver, diziam a respeito a mudanças significativas nos protocolos do ritual de entrega dos espadins na AMAN:

“Já dentro da Academia, uma instalação me impressionou [...] Passamos por detectores de metal, uma revista e identificação com um adesivo no peito. Um fato curioso foi a decisão de ‘identificar’ todos os convidados com um adesivo escrito ‘Brasil’, que nos era colado do lado esquerdo do peito. Talvez seja coincidência, mas pude perceber que em todos os meus colegas e pessoas que pude ver, o adesivo estava localizado do lado esquerdo do peito. Um ato extremamente simbólico, pois o então presidente Jair Bolsonaro – que, por sinal, sempre exalta a figura do militar e do Exército –, possui como característica de seu discurso o nacionalismo. Neste caso, o Brasil estaria representado no coração de todos os presentes na cerimônia. Embora fosse minha primeira vez assistindo a formatura dos cadetes, fui informada pelos meus professores e também por um cadete [que nos acompanhava] sobre as diversas ‘mudanças de protocolo’ que aconteceram, justamente pelo fato de o presidente Bolsonaro estar presente. [...] Além disso, a maneira como o presidente decidiu entrar na cerimônia foi um ato extremamente simbólico, atravessando todo o pátio principal onde os cadetes se posicionam, sendo aclamado por seus apoiadores até chegar ao local onde ficaria para assistir à formatura. Além das revistas que foram feitas logo na entrada da Academia, a presença do presidente na cerimônia contou com o reforço da segurança em todo o local. Em sua entrada pelo pátio principal, percebemos, juntamente com os cadetes, a presença de um atirador do alto de um prédio. Embora o cadete tenha ficado surpreso com a presença do *sniper*, com o tempo parece ter se acostumado com sua presença. Em contrapartida, não

consegui parar de prestar atenção aos momentos em que o atirador aparecia. Enquanto pessoas acenavam para Bolsonaro, tiravam fotos, eu me senti deslocada. Onde eu estava? O que eu tenho de comum com todas aquelas pessoas? Por um segundo eu não estava mais ali”.

Essa citação, ainda que longa, nos faz refletir sobre o quanto essa análise, desenvolvida por uma aluna do curso da Antropologia III, mostra a importância da vivência de experiências etnográficas durante a graduação, sobretudo no que diz respeito a um deslocamento de seu ambiente social para entrar em contato com visões de mundo muito diferentes das suas. Em seus relatórios de campo, os alunos evidenciaram, de maneira geral, suas habilidades em descrever e analisar o contexto estudado, a partir de um olhar atento à dimensão antropológica das relações presentes em campo. O curso em questão estava voltado para a observação e para o aprendizado de aspectos rituais inscritos no evento. Ainda que a presença de Bolsonaro tenha causado incômodo em diversos alunos do curso, eles aproveitaram o próprio desconforto para refletir de maneira crítica a respeito dos simbolismos inscritos no ritual que presenciavam, demonstrando, assim, terem compreendido os ensinamentos de Mariza Peirano, quando conceitua o ritual como “um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade” e que “expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo”. Os rituais seriam, assim, “bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (PEIRANO, 2003:10).

*

Questões relacionadas às distinções de gênero foram muito destacadas pelos alunos, em seus relatórios. Ainda que eles vivam, em seus ambientes sociais, experiências em que presenciam desigualdades de gênero, a observação *in loco* de uma instituição notadamente masculina fez com que reflexões sobre essa temática tenham se tornado, em alguns relatórios, o ponto central de análise, em especial naqueles que se referiam ao ritual da entrega de espadins no ano de 2018.

Já havia mulheres servindo no Exército nos quadros auxiliares, mas ainda não na linha bélica da carreira. A grande novidade daquele ano foi o ingresso, pela primeira vez, de mulheres na AMAN. Dos 418 alunos da turma que ingressou em 2018, 30 eram do

sexo feminino. Esse foi um momento histórico, pois pela primeira vez mulheres recebiam o espadim, podendo prosseguir na linha bélica da carreira, até então restrita a homens. Esse fato foi o mais destacado por nossas alunas. Uma delas registra a cena que viu com uma cadete:

“Em seguida, a tia da cadete, nitidamente emocionada com a conquista da sobrinha, a chamou para tirar fotos com a família e com uma oficial que tinha acabado de chegar ao local. Esta última protagonizou, com a cadete, uma cena que me deixou muito emocionada... Enquanto se arrumavam para a fotografia, as duas, a oficial e a cadete, se abraçaram e começaram a chorar juntas, uma enxugando as lágrimas da outra. A cadete repetia constantemente frases do tipo ‘Eu consegui! Eu finalmente consegui!’, enquanto a oficial assentia com a cabeça, sorrindo. Foi um momento muito bonito, e eu não consegui conter a felicidade de ter presenciado tamanha sororidade entre mulheres dentro de uma instituição tão antiga e masculina como a AMAN.”

Um aluno registrou a emoção de suas colegas: “Vi minhas colegas de turma emocionadas entrevistando e tirando foto com uma das cadetes.” No ritual, o ingresso das mulheres ficou marcado pelo fato, inédito, de que o espadim foi entregue também a uma aluna que obtivera o 2º lugar geral na classificação escolar da turma. Normalmente apenas o cadete classificado em 1º lugar recebe o espadim das mãos da mais alta autoridade presente, sendo os demais entregues por familiares ou pessoas escolhidas pelos cadetes. Em 2018, contudo, para marcar a presença das mulheres entre os cadetes (e de sua boa performance escolar), foi também feita a entrega à segunda colocada, que recebeu o espadim da segunda autoridade mais alta presente, o general Villas Bôas. Uma aluna observou o significado da honraria:

“É muito importante para um antropólogo observar esse momento de um aspecto simbólico e ritual. [...] Uma mulher receber a espada apenas reafirma que somos todos iguais e todos podemos proteger nossa pátria e, ademais, reafirma que as mulheres podem e devem ocupar tal posto em condição de igualdade e reafirma também a posição tomada pelo Exército em abrir concursos para mulheres serem cadetes pela primeira vez em sua História. É um ato simbólico muito forte num ritual que representa a manutenção, a memorialística e a proteção da história militar.”

A admiração e emoção pelo episódio, contudo, não deixou de lado uma visão crítica e a percepção de aspectos negativos, como a escolha do nome da turma, “Dona Rosa da Fonseca” (mãe de uma família de militares que lutou na Guerra do Paraguai, dentre os quais Deodoro da Fonseca),⁸ que foi criticada como algo relacionado ao sistema patriarcal:

“Homenagear alguém pelo mérito da família é muito estranho e nesse caso me parece machista pois credita um título a uma mulher por ação de homens. Me pareceu bem negativa a escolha e a justificativa, principalmente podendo escolher várias mulheres que tiveram papel fundamental no âmbito civil ou militar. Mas, para além de minha opinião pessoal, refletiu um sistema ainda muito machista, por mais que tomem iniciativas para alegar o contrário. Não só machista, mas um sistema muito conservador.”

Além disso, a partir de conversas informais com cadetes mulheres na AMAN, os relatórios analisaram as diferentes atribuições (laborativas, sociais e simbólicas) destinadas aos homens e mulheres oficiais:

“[...] elas levantavam a questão de estarem a todo momento precisando se provar na Academia. Por mais que haja esforços para integrar as mulheres da forma mais uniforme possível ao mundo dos oficiais, elas estão sempre em destaque, em especial visualmente. Isso faz com que seus erros sejam mais percebidos do que os erros masculinos. Além disso, ainda existe um estigma muito grande em relação, especialmente, à capacidade física da mulher.”

“Por isso, não é de se espantar o fato relatado de que as cadetes eram as primeiras a serem chamadas para qualquer atividade e que elas, enquanto mulheres, precisavam provar que mereciam estar ali. As mulheres, comumente encaixadas nos estereótipos de serem mais ‘frágeis’, ‘delicadas’, ‘sensíveis’ e ‘maternais’ são socialmente formadas para determinado caminho com ênfase diferente dos homens, de modo que os

⁸ Sobre a escolha de Rosa da Fonseca como “Patrona da família militar”, ver CASTRO, 2018, p. 11-12.

papéis dos sexos são concebidos de forma distinta na trama cultural, que dramatiza a diferença entre o masculino e o feminino (MEAD, 1935:22-23). A partir de tal realidade, torna-se difícil para alguns sujeitos ver as mulheres ocupando posições que as afastam do lugar comum de fragilidade associado às mesmas, como é o caso da profissão militar. Tenho a hipótese de que se fizermos um *survey* com uma dada amostra de pessoas a respeito dos adjetivos que caracterizam o universo militar provavelmente apareceriam palavras como ‘força’, ‘coragem’, ‘garra’, ‘determinação’ e ‘patriotismo’, denominações que parecem estar longe daquilo que é ‘naturalmente’ (na verdade, socialmente) atribuído às mulheres.”

Através desses relatos podemos perceber que existe uma reflexão por parte dos alunos acerca das discussões clássicas sobre gênero, sobretudo as que tangem concepções de masculino e feminino, bem como dos sentimentos, emoções e comportamentos a eles relacionados. Em suas análises, os alunos parecem perceber, tal como enfatizado por Fabíola Rohden, que “o mais importante não era uma realidade corporal, mas manter claros os limites sociais das categorias de gênero” (ROHDEN, 2001:32). A ida a campo possibilitou, portanto, uma melhor compreensão sobre os próprios estranhamentos e desconfortos sentidos durante a prática etnográfica, indicando assim, tal como sublinhou Peirano, que:

“Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria” (PEIRANO, 2014:378).

Uma situação que exemplificou bem a importância da reflexão sobre as interfaces entre a dimensão da prática e do fazer etnográfico, articulada à necessidade de um embasamento teórico prévio mais sólido, foi vivida em Manaus, em 2019. Alunas conversavam com um oficial sobre questões de gênero e, ao ouvir relatos em que ele reforçava estereótipos, trazendo argumentos que associavam mulheres a fraqueza e homens a força, elas chamaram a professora Sílvia e pediram para “dar uma aula” para o oficial sobre o livro *Sexo e Temperamento* de Margaret Mead e explicar como essas atribuições seriam determinadas socialmente, e não biologicamente (MEAD, 1935).

Mead, leitura presente em cursos de antropologia ministrados na graduação em Ciências Sociais, foi, inclusive, recorrentemente citada em relatórios, demonstrando como o conhecimento teórico auxilia na compreensão e no aprofundamento das discussões relacionadas às vivências em campo.

Referências a questões de gênero estiveram presentes em todas as demais visitas. Em 2019, uma aluna que retornou à cerimônia de entrega dos espadins na AMAN observou que havia agora 66 cadetes mulheres na Academia: 26 da turma de 2018 (quatro portanto haviam se desligado desde o ano anterior) e 40 da turma de 2019. Embora tivessem na média uma classificação escolar superior à dos cadetes homens, não podiam ingressar nas Armas combatentes (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações), ficando restritas ao Serviço de Intendência e ao Quadro de Material Bélico:

“Essa Academia foi feita e pensada para homens. De certa forma, uma garantia de que tal quadro permaneça, pelo menos no período de transição entre uma AMAN exclusivamente masculina para uma AMAN mista, reside nas limitações que as mulheres encontram no desenvolver das suas atividades. Sim, há isonomia em diversos aspectos do cotidiano dos cadetes, mas há diversas distinções (ora mais discretas, ora mais explícitas) ainda existentes entre os alunos: a possibilidade de escolha das Armas (sete para os homens, duas para as mulheres), a adesão a esportes coletivos (que só existem para homens devido ao quórum insuficiente de mulheres no alunato), as regras dos alojamentos, entre outros fatores, variam de acordo com o sexo. Nos termos de Howard Becker (2008 [1963]:15), é como se as mulheres fossem *outsiders* dentro da Academia, isto é, indivíduos que desviam do modelo imposto em determinado meio e, por tal desvio, passam a ser reconhecidos como um tipo especial na comunidade.”

Questões de gênero foram talvez as que geraram mais recorrentemente mal-estar entre os alunos. As próprias expressões muitas vezes usadas por oficiais para se referirem às mulheres no Exército já soavam estranhas para os alunos, como por exemplo “elementos do segmento feminino”. Para além das expressões, contudo, os alunos perceberam com clareza mecanismos mais sutis e visões mais naturalizadas a respeito da posição das mulheres no Exército. Um episódio marcante ocorreu durante a visita à Operação Acolhida, em Roraima. O coronel que chefiava todo o aparato militar

envolvido, e que foi nosso principal “guia”, disse que o contingente de militares mulheres havia sido aumentado recentemente na Operação. Elas teriam, segundo ele, mais cuidado, paciência e empatia em relação aos refugiados venezuelanos do que os homens, numa situação de ajuda humanitária. Além disso, ao interagirem com as muitas organizações internacionais presentes na Operação, as mulheres teriam mais facilidade para lidar com os líderes dessas organizações, por passarem a impressão de que estariam mais abertas para conversas e mais propensas a fazerem concessões em prol de alcançar os melhores interesses comuns.

Nas palavras de uma aluna, comentando essa fala, “essa caracterização de um ‘perfil feminino’ demonstra que o Exército ainda precisa enfrentar concepções estigmatizadas de gênero.” Para outra, “todas as características históricas atribuídas ao gênero feminino, utilizadas para tornar as mulheres seres inferiores aos homens, foram colocadas para enaltecer o trabalho das militares.” Um aluno sintetizou um sentimento muito comum à turma: “eles [os militares] parecem acreditar que a mulher tem lugar no Exército, mas ainda veem uma série de barreiras biológicas que as ‘impediriam’ de realizar tarefas da mesma forma que os homens.”

Com os relatos acima, fica evidente o quanto é significativo para alunos de graduação a vivência de experiências etnográficas em ambientes que possibilitam a reflexão sobre questões relacionais e sobre desigualdades estruturais de gênero. Alunos demonstraram seus incômodos e sublinharam, à sua maneira, conceitos e categorizações sobre relações de gênero. Aproximaram-se, em muitos momentos, da perspectiva de Adriana Piscitelli, ao enfatizar que discriminações de gênero tendem a ser justificadas através da atribuição de temperamentos distintos a homens e mulheres, e demonstraram, em seus relatórios, que, enquanto estudantes de antropologia, se esforçaram para compreender as desigualdades presentes nessas relações (PISCITELLI, 2009).

Foram feitas aos militares, tanto nas interações mais formais (como palestras e apresentações) quanto em momentos mais informais, muitas perguntas sobre questões de gênero nas Forças Armadas. Numa visita à AMAN, uma aluna perguntou ao coronel chefe de Ensino, durante uma palestra, como eles lidavam com a “masculinidade tóxica”. O coronel, visivelmente surpreso com a pergunta, pediu para a aluna explicar o que significava a expressão e, em seguida, de forma bem aberta, respondeu que a exaltação excessiva de valores estereotipados como masculinos (p. ex., “homem não chora”) de fato poderia causar – e mencionou alguns casos concretos – dificuldades emocionais ou psicológicas aos cadetes. Um aluno chegou a imaginar, em seu relatório, que essa

insistência no tema, por parte da turma de alunos, poderia vir a gerar uma percepção diferenciada do tema por parte dos próprios militares:

“É compreensível que, em uma microssociedade tão marcada pela masculinidade como o quartel, algumas falas gerem constrangimentos, e deve-se reconhecer que importantes progressos foram feitos nos últimos anos. A nossa própria visita deve ter alterado a impressão sobre a relevância dessas questões para os oficiais que tiveram contato conosco. Várias foram as perguntas relacionadas a gênero e isso certamente foi percebido por eles. A maior parte delas foi feita pelas alunas, mas até alguns alunos se engajavam nessa temática. Apesar do maior reconhecimento dessas questões por parte dos oficiais, há ainda muito a ser feito pelo Exército, principalmente no que se refere a possíveis casos de discriminação dentro do quartel.”

*

A experiência de pesquisar num “mundo social” diferente foi marcante para os alunos. Não apenas em termos de não terem familiaridade com o ambiente militar – a grande maioria dos alunos não tinha –, mas pelas situações vividas na condição de visitantes/pesquisadores. O estranhamento passava, em grande parte, por lidarem com uma instituição na qual os princípios da *hierarquia* e da *disciplina* eram estruturantes e onipresentes em todas as interações. Isso se impunha desde o dístico gravado no alto do pátio central da AMAN – “Cadete! Ides comandar, aprendei a obedecer!” – até detalhes da interação cotidiana. Envolvia, inclusive, a percepção de que os militares mantinham essa mesma perspectiva quando interagiam com nosso grupo.

Um episódio foi, a esse respeito, ilustrativo para os alunos. No início da visita ao 1º Batalhão de Infantaria de Selva, em Manaus, ocorreu a cerimônia diária de hasteamento da bandeira nacional. O coronel do Centro de Comunicação Social do Exército que nos acompanhava pediu, então, para que uma aluna do nosso grupo participasse do hasteamento. A escolha coincidiu, por acaso, com o fato de que a aluna era a mais bem classificada no curso de Ciências Sociais. Quando os militares souberam disso, ficaram muito contentes por terem, sem querer, acertado ao chamar a “zero-um” do nosso grupo, posição que, no mundo militar, para além da distinção da classificação, representa também uma precedência hierárquica sobre os demais colegas. Como escreveu um aluno:

“Durante toda a nossa visita, os militares tentaram entender e construir uma relação hierárquica para o nosso grupo, de modo que se assemelhasse à organização que eles próprios conhecem e adotam. Nessa perspectiva, o professor Celso e a professora Sílvia logo se tornaram nossos generais, e nós, alunos, algo entre tenentes ou cadetes, em especial no caso da visita a AMAN, onde essa relação ficou ainda mais clara.”

Também foi impressionante, para os alunos, o detalhamento do tempo e das atividades previstas para nossas visitas, embora a agenda nem sempre tivesse sido cumprida exatamente como imaginada. Para além do controle do tempo, havia também a preocupação com a organização do grupo, inclusive espacialmente, em função da hierarquia percebida pelos militares. Como observou um aluno:

“Éramos orientados a sentar em determinados locais, explicitando também a importância da diferenciação hierárquica: em uma mesa sentavam os oficiais de maiores patentes e nossos professores, em outras soldados de menor patente e em outras nós alunos.”

A tentativa permanente de controlar os tempos, espaços e sentidos das interações era surpreendente:

“Estávamos a todo momento acompanhados de algum oficial: seja visitando as instalações, assistindo palestras, almoçando ou até mesmo em nossos alojamentos na Academia, havia sempre alguém do Exército para nos guiar, e se manter atento ao que fazíamos e o que falávamos. Desta forma, é possível perceber uma certa fixação do Exército em manter o controle, de prever o que vai acontecer a todo momento. Antes do início da viagem, os professores nos alertaram que os militares lidam com estranheza e desconforto com o imprevisto, e acredito que não há frase melhor para descrever a situação observada em campo.”

Apesar disso, os momentos de maior informalidade – almoços, pausas para café, deslocamentos etc. – contrabalançavam a formalidade das cerimônias e palestras. Nestes eventos mais formais o controle das impressões por parte dos militares era bem maior:

“A diferença entre as conversas quando havia a presença de um general e quando não havia era bem grande. O medo de responder [a uma pergunta

dos alunos] algo que supostamente afetaria a imagem da instituição e ser punido por isso era nítido, principalmente nos mais inexperientes. Nas palestras em que havia a presença de um general na plateia, os palestrantes de menor patente sempre olhavam rapidamente para ele quando a pergunta era mais complicada, e ele respondia com um gesto rápido se a resposta poderia ser sincera ou se deveria ser dada com cuidado.”

A tentativa de controle das impressões por parte dos militares variou entre as diferentes experiências de campo. A visita à Operação Acolhida, nesse aspecto, foi a mais controlada, talvez pelo caráter dramático da própria situação social – milhares de refugiados, no contexto de uma grande crise humanitária – quanto pelo fato de que, ali, não se lidava com os militares dentro da caserna – ambiente mais facilmente controlável –, e sim num espaço público compartilhado com muitas outras organizações da sociedade civil.

Os alunos visitaram vários espaços envolvidos na Operação Acolhida, desde os centros de controle das operações, até abrigos de refugiados e ocupações espontâneas. Tiveram, em geral, uma visão positiva da experiência e do papel exercido pelos militares. Vários mencionaram o lema do Exército “Braço forte, mão amiga” como algo que vivenciaram em momentos diferentes – o “braço forte”, nas unidades de selva, a “mão amiga” na Operação Acolhida. Isso não impediu, contudo, que criticassem o aspecto de encenação, de *mise-en-scène*, que envolvia, por exemplo, a escolha cuidadosa dos interlocutores e dos espaços a serem visitados.

O maior incômodo, a esse respeito, ocorreu na visita ao Abrigo Janokoida, onde estavam os índios Warao. Embora não unânime, foi comum entre os alunos a impressão de que eram guiados pelos militares como se fosse um “passeio turístico” ou de se sentirem “visitantes de um zoológico”, tendo que assistir a danças encenadas por crianças ou mulheres em roupas “típicas de apresentação”, ouvir falas de lideranças indígenas e comprarem alguma coisa em uma feirinha de artesanato – tudo isso cuidadosamente preparado para impressionar os visitantes. “Espetacularização da vida indígena”, “história para inglês ver” e “mercantilização da cultura dos índios” foram expressões presentes nos relatórios dos alunos.

*

Os alunos destacaram, em seus relatórios e em conversas de avaliação, que não viveram de uma forma que poderíamos chamar de “naturalizada” ou “espontânea” essas experiências de campo. Notaram que foi fundamental terem tido aulas e conversas de “preparação” com os professores, e reuniões com eles ainda enquanto as visitas aconteciam. Também destacaram a importância da leitura e discussão de textos quer mais específicos sobre militares, quer mais “teóricos”, antes de irem a campo.⁹ A experiência de campo, portanto, foi marcada por uma preparação prévia para o exercício de um “olhar antropológico”. Isso, contudo, não diminuiu a importância que a ida a campo representou. A esse respeito, para além do que o que foi dito pelos militares, mesmo nos momentos de conversas informais, foi fundamental o que os alunos puderam *observar*:

“Cheguei à AMAN certa de que ficaria mais focada no cerimonial [da entrega de espadins] em si e em suas marcações, mas, na realidade, perceber as expressões, observar as interações, escutar as histórias e presenciar os momentos de emoção daqueles com que tive contato foi, sem dúvidas, aquilo que mais se destacou dessa experiência para mim.”

O que mais impactou os alunos, de todas as experiências que tiveram, foi o fato de que tiveram que lidar, em campo, com *emoções*, tanto dos outros, quanto – e acima de tudo – deles mesmos:

“Ali, naquela rodoviária [de Boa Vista, onde havia muitos refugiados] eu entendi, realmente, ao que DaMatta (1978) se referia quando escreveu sobre o *anthropological blues*. Eu não esperava – talvez por ingenuidade ou por ignorância – que a ida a campo fosse me impactar dessa maneira, era como se eu não pertencesse aquele espaço, um misto de surpresa, estranhamento e tristeza.”

A emoção e os sentimentos, como os *anthropological blues* de que trata Roberto DaMatta, foram os “hóspedes não convidados da situação etnográfica”. Uma aluna registra, em seu relatório, o que sentiu participando de uma formatura no 1º BIS, e que ela relaciona, depois, com uma leitura sobre a “efervescência coletiva” no livro *As formas elementares da vida religiosa*, de Émile Durkheim.

⁹ Embora as leituras tenham variado de curso para curso, a maior parte dos alunos leu *O espírito militar* (CASTRO, 1990) e textos sobre rituais e símbolos militares (CASTRO, 1994 e 2002). Os alunos de Ciências Sociais, em particular, já haviam tido contato com textos clássicos da antropologia.

“O mais inusitado é que eu realmente acredito que senti essa vibração. Quando a formatura começou e eu vi de perto todos aqueles homens marchando igualmente e gritando ‘SELVA!’, fiquei arrepiada. [...] Era como se fosse uma onda: no momento em que eles iniciaram a marcha e cantaram em uníssono, eu e todos os que estavam ao meu redor nos calamos e só sentimos o que estava acontecendo ali. A sensação que eu tive é algo difícil de explicar: um arrepio, uma impressão de unidade, uma perplexidade por todos parecerem ser um só. Quando percebi a minha reação, o tenente riu e disse: ‘É normal. Todo mundo que assiste a nossa formatura pela primeira vez fica assim’.”

Poderíamos dar muitos outros exemplos, retirados dos relatórios dos alunos, mas também de nossas próprias observações em campo, da surpresa que os alunos tiveram ao se verem tomados por emoções. O recurso comum, nos relatórios, à expressão “confesso que...” referindo-se a esses sentimentos não antecipados, é reveladora de como eles tentavam distingui-los das observações mais “intelectuais” sobre o campo. Dito de outra forma, o fato de sentirem emoções não era contraditória com uma visão crítica sobre vários aspectos do que viram e vivenciaram.

No mesmo sentido, foi comum o registro de *empatia* com os militares, não como coletividade, mas como indivíduos. A empatia teria permitido “quebrar o preconceito inicial” ter uma “visão mais humanizada” sobre os militares, como decorrência do contato intersubjetivo que a experiência de campo proporcionou.

Ao final dos relatórios, e como balanço da experiência, foi muito comum os alunos afirmarem que ela “desmistificou” muito do que imaginavam sobre o Exército e os militares em geral. Nas palavras de um aluno, “o mais interessante das viagens de campo foi refletir sobre a distância da vida militar e da sociedade civil e os choques gerados quando esses dois mundos se encontram.” Não apontaram essa experiência como uma “conversão” de uma visão predominantemente negativa para outra positiva, mas como uma *complexificação* de aspectos que imaginavam de forma muito mais determinista, estereotipada, padronizada e homogênea – adjetivos retirados dos relatórios –, percebendo também nuances, matices, discordâncias e eventualmente conflitos na vida militar. Como escreveu uma aluna, “de certa forma o trabalho de campo, ao mesmo tempo que confirmou algumas das minhas opiniões formadas, ressignificou outras.”

Ou seja, não ocorreu, para os alunos, a “dissolução” da imagem de um “outro” em um “semelhante”, e sim a melhor compreensão das diferenças, daquilo que significam a identidade e o estilo de vida militares. Como resumiu uma aluna:

“Se tem algo que ficou muito nítido durante a experiência toda é que existe uma espécie de fusão da profissão com a personalidade do indivíduo, criando uma nova identidade única, mas ao mesmo tempo compartilhada com os demais camaradas. [...] a minha conclusão é que você não *está* militar, você *é* militar. [...] Diversas vezes, ao se referirem ‘ao mundo lá fora’, os oficiais falaram: ‘quando se *está* em uma situação civil...’ Ou seja, a condição de civis, tão intrínseca a todos os membros da sociedade, para eles é percebida como algo meramente circunstancial. Você *é* militar e *está* em situação civil. Não é um civil, uma pessoa que está exercendo o ofício militar. De fato, a *farda é uma veste muito difícil de tirar*’.”

*

As interações entre alunos e militares foram sempre cordiais. Nas apresentações e palestras havia momentos para as perguntas, e os alunos sempre se sentiram à vontade para fazê-las, e muitas. Os militares disseram, várias vezes, que não se lembravam de um grupo de alunos visitantes terem feito tantas perguntas, e tão boas. Essa cordialidade, entretanto, não impediu que os alunos desenvolvessem, ou reforçassem, visões críticas a respeito da instituição. Já mencionamos a percepção a respeito da posição sobre as limitações que as mulheres militares encontram em termos de oportunidades na carreira, mas também em relação à visão de um certo determinismo biológico que serve de base para a construção do papel social feminino.¹⁰

Podemos mencionar outros aspectos, como uma visão crítica em relação à pouca quantidade de cadetes e oficiais negros. Um aluno escreveu que, “ao final, o Exército é mais um reflexo da sociedade: excludente em seu cerne.” Foi também comum a reserva e desconfiança em relação ao que os militares falaram sobre índios – com uma perspectiva evolucionista que implica uma “missão civilizatória” -- e sobre a extensão das terras indígenas, bem como ao discurso sobre a “ausência do Estado” na Amazônia, que daria

¹⁰ Deve-se observar, contudo, que vários alunos fizeram, a esse respeito uma distinção geracional. Ou seja, essa visão seria mais forte e mais presente nos militares de patente superior (portanto de mais idade) do que nos cadetes ou oficiais mais jovens.

o fundamento para que o Exército assumisse “toda a atribuição paternalista normalmente atribuída ao Estado”, ou mesmo a de “salvadores da pátria”.

Como já mencionamos, nosso grupo era classificado como “formadores de opinião”. Isso, por um lado, embora percebido como algo prestigioso, soava estranho para os alunos, que não se viam como tal. Por outro, permitia perceber com mais clareza o esforço dos militares em passarem uma determinada visão a respeito da instituição e de seu papel na sociedade. Os alunos sentiram que, em geral, os militares partiam do pressuposto de que os alunos tinham uma visão negativa e estereotipada do Exército; nesse sentido, esforçavam-se para tentar mudá-la. Faziam, depois, perguntas aos alunos sobre se “a sua visão do Exército mudou?” ou “você vê o Exército de forma mais positiva agora que conheceu as nossas atividades?”.

Ainda que a maioria dos alunos não tivesse nenhuma familiaridade prévia com o universo militar, alguns poucos contudo já tinham estudado em colégios militares ou tinham familiares nas Forças Armadas, o que fazia com que já estivessem um pouco mais familiarizados com protocolos e valores militares. Assim, não parecia haver consenso entre os alunos sobre a instituição: enquanto alguns a admiravam, outros pareciam ter visões predominantemente críticas sobre a mesma. O que queremos destacar é que, entre aproximações e distanciamentos prévios, nossos alunos mantiveram uma postura acadêmica, ética e metodológica em campo e usaram seus próprios estranhamentos e familiaridades, assim como todo o arsenal teórico com o qual contavam (fruto de leituras prévias ou das realizadas durante o curso) para refletir sobre questões atinentes ao fazer etnográfico.

A experiência pedagógica e etnográfica desenvolvida com alunos de graduação possibilitou um aprofundamento da formação antropológica, a partir da observação participante e da prática etnográfica. Os relatórios dos alunos evidenciam preceitos éticos e metodológicos da etnografia. Não se tratou de uma tentativa de “conversão” de antropólogos em militares, e sim de uma etapa na formação de pesquisadores em que o processo de *estranhamento* possibilita reflexões sobre temas fundamentais da teoria antropológica, tais como: indivíduo e sociedade; rituais e simbolismos; ética e metodologia; antropologia política e dos militares; hierarquias e sistema de valores, instituições e estruturas sociais.

A aproximação dos alunos a um ambiente social muito diferente do seu possibilitou também reflexões sobre seus próprios sistemas de valores e o estabelecimento de uma análise comparativa entre diferentes perspectivas, crenças e visões de mundo. Acreditamos que a experiência em campo com militares ofereceu aos alunos a possibilidade de uma experiência, não como “formadores de opinião”, tal como era esperado por nossos interlocutores militares, mas, sobretudo, como possíveis mediadores entre esses dois mundos. A partir da observação, da comparação, das análises críticas e, sobretudo, das interpretações que fizeram sobre o universo militar, os alunos conseguiram alcançar uma maior compreensão sobre seus ambientes sociais, sobre o próprio fazer etnográfico e também sobre possíveis interfaces entre esses dois mundos, civil e militar. Gilberto Velho ensinou que nossa realidade é filtrada pelo nosso ponto de vista, portanto o trânsito por diferentes mundos pode nos possibilitar uma expansão de nossas próprias visões de mundo. Durante o fazer antropológico, estamos realizando uma análise interpretativa, tendo “como objeto de reflexão a maneira como culturas, sociedade e grupos sociais *representam, organizam e classificam* suas experiências”, possibilitando, assim, uma reflexão sobre as perspectivas subjetivas inscritas nas relações. (VELHO, 2013:84)

Podemos concluir dizendo que a experiência de irem a campo permitiu aos alunos uma *compreensão* melhor e mais “densa”, nos termos de Geertz, do “mundo militar”, sob muitos aspectos radicalmente diferente do mundo social habitado por nossos alunos. A experiência etnográfica, por mais que breve e limitada que tenha sido, representou um importante aprendizado de pesquisa, que incluiu a percepção de todo um processo que vai desde aquilo que leram anteriormente em sala de aula, mas também todos os aspectos não previstos que surgiram no campo.

Nesse sentido, estamos convencidos de que levar os alunos a campo foi parte fundamental para que vivenciassem o *artesanato intelectual* que representa a pesquisa e que, como chamava atenção Wright Mills, envolve todas as dimensões da vida do pesquisador.

Referências bibliográficas:

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008 [1963].

- CASTRO, Celso. *O espírito militar*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- _____. “Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar.” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 231-240, jul./dez. 1994.
- _____. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- _____. *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Ri de Janeiro, FGV, 2018.
- _____. & LEIRNER, Piero. *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro, FGV, 2009
- DaMATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*.” In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p 23-35.
- McCURDY, David W. “The ethnographic approach to teaching cultural anthropology.” In: Kottak, Conrad Phillip et al. (Eds.), *The Teaching of Anthropology. Problems, Issues, and Decisions*. Mountain View, California, Mayfield Publishing Company, 1997, p. 62-69.
- MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*, New York, William Morrow and Co., 1935 (Trad. Bras.: *Sexo e temperamento*. São Paulo, Perspectiva, 2000)
- MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>
- PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. *Diferenças, igualdade*. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009.
- ROHDEN, Fabíola. “A questão da diferença entre os sexos: redefinições no século XIX.” In: *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher* [online]. 2ª. ed. rev. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.
- VELHO, Gilberto. “O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia.” In: *Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.